

Frei Vicente de Santo António, O.S.A., uma nova edição das suas cartas

POR
MANUEL CADAFAZ DE MATOS*¹

Numa edição do Centro de Estudos de História do livro e da Edição [C.E.H.L.E.] e de Edições Távola Redonda, foi há pouco publicada em Lisboa a obra *Cartas do Japão*. Estas ficaram a dever-se a Frei Vicente de Santo António, natural da cidade portuguesa de Albufeira, que tendo ingressado na Ordem de Santo Agostinho (quando se encontrava em Manila nas Filipinas) em Setembro de 1622, veio a padecer o martírio, nos arredores de Nagasáqui no Japão, em 3 de Setembro de 1632.

Reproduzimos, aqui, algumas das nossas considerações constante do estudo introdutório a esta nossa nova edição das *Cartas* deste frade agostinho. Evocamos ainda, do mesmo modo, o Cónego José Cabrita que, em 1967, tinha editado na cidade de Faro as epístolas deste mártir do Japão, trabalho esse que agora serviu de base à edição que empreendemos.

Em 23 de Abril de 1623 Frei Vicente de Santo António encontrava-se (e fazia as suas despedidas) da localidade de Matabang, nas Filipinas, partindo desse porto em direcção à costa leste da China. Procurava seguir um itinerário que o conduzisse às ilhas do sul do Japão.

Numa carta que escreveu por essa altura a Frei Pedro da Mãe de Deus - de que se conhece uma 2.^a via, datada de 18 de Janeiro de 1624 - este português salienta que em 31 de Maio chegaram a um porto da província de Tan-

* Doutor em Estudos Portugueses, pela Universidade Nova de Lisboa. Director do Centro de Estudos de História do livro e da Edição [C.E.H.L.E.].

¹ Manuel Cadafaz de Matos, "Um estranho corpo exposto no império da China no século XVII (ou a função do livro impresso na circulação e apologia dos ideais de sacrifício de vida e de martírio)", in *Revista Portuguesa da História do Livro* (Ano II, 1998), n.º. 3, Lisboa, Edições Távola Redonda, pp. 113-156, em particular pp. 121-122.

gua, que o Cónego José Cabrita identifica com a ilha de Tinghai (a 30 graus de latitude norte).

Viagens como aquela que o frade agostinho então empreendia, numa embarcação destituída das mais elementares técnicas de navegação, pelas costas da China, eram propícias aos mais frequentes acidentes de navegação. Esta jornada marítima, mesmo assim, foi levada a bom termo, não tendo o mesmo dramático fim que o naufrágio ocorrido, a cerca de uma dúzia de anos de distância, nessa mesma região, com o Pe. Roiz (Rodrigues?) Barreto, com quatro padres e dois irmãos missionários que haviam deixado há pouco o porto de Macau; e com o irmão António Leitão (nascido naquele mesmo território português), que então pereceu no mar na mesma região.

1 Viagem do frade agostinho pelas costas da China e sua chegada à localidade de Coxi, no Japão

O religioso de Albufeira permaneceu algum tempo - embora por um período não muito prolongado - em terras dessa região do sudeste da China. As impressões que deixou, numa carta, mostram o seu desencantamento em relação às condições adversas por que então ali passou:

É esta terra da China sem graça, sem árvores, mas com belíssimas águas e fontes; mas porque neste tempo nos encontrávamos com poucas provisões e comíamos com muita conta, por isso saíamos todos muito cedo a buscar de comer à beira mar. Não havia lenha e por falta dela sofriamos muito e desejávamos descobrir algum monte onde a houvesse, mas não era possível ver um lenho (...) Víamos em terra vestígios de gente e caminhos abertos e no mar muitas embarcações; mas estas, ao ver-nos, desviavam-se, fugindo duma ilha para outra com grande presteza ...

Neste período a missionação das costas chinesas da província de Fou-kien, pelos padres da Companhia de Jesus, era já uma realidade. A comunicação destes com as populações gentias ainda decorria, no essencial, no plano da oralidade² (estando tais jesuítas já dotados de conhecimentos rudimentares das línguas e dialectos locais).

² Uma das primeiras manifestações, por parte dos missionários jesuítas, em comunicar nesta região com as populações nativas através de obras impressas, foi em 1632 - portanto nove anos depois desta data - a publicação local, numa localidade que se admite ter sido San-Shang (naquela província chinesa de Fou-Kien), da obra intitulada *Centum Selecta Monita S. Matris Theresae* [Cem Conselhos Bíblicos (de Santa Teresa de Jesus)]. - Veja-se Manuel Cadafaz de Matos, *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente nos Séculos XVII e XVIII (Índia, China e Japão)*, (II, 1990), pp.166-169 (edição policopiada).

Nesses meados do ano de 1623, em que Frei Vicente de Santo António sofreu as mais variadas contingências na costa leste da China, tinham chegado há poucos meses a esse território – ou, noutros casos, acabavam de chegar nas últimas semanas – novos missionários europeus, ao serviço da Companhia de Jesus. Era o caso dos Pes. Rodrigo de Figueiredo, E. de Figueiredo, J.-Manuel Ribeiro, W.-P. Kirwitzer, J.-Adam Schall von Bell, todos chegados em 1622³; ou de António Francisco Cardim e Alexandre de Rhodes, chegados em 1623⁴.

Para Vicente de Santo António e para os seus companheiros de infortúnios nestas paragens não constituía, no entanto, uma prioridade a missão de tal povo. Estavam ali preocupados com a sua sobrevivência, almejando continuar a sua viagem até às terras do sul do Japão.

Essa viagem para aquele arquipélago não foi muito longa. Em 20 de Junho de 1623 Vicente de Santo António desembarcava, com os seus correligionários, na localidade japonesa de Coxi. Principiava aí a sua destemida aventura missionária, que cerca de nove anos depois o levaria a enfrentar os seus algozes e o martírio.

2 A acção missionária e o epistolário japonês do frade da Ordem de Santo Agostinho

Chegado frei Vicente de Santo António ao Japão, mais precisamente ao porto de Coxi, em 20 de Junho de 1623, o seu testemunho de vida e acção missionária naquelas ilhas – até 3 de Setembro de 1632 (em que conhece a glória do martírio) – transparece, aos olhos do *leitor* comum, sobretudo através das 14 cartas, incluindo alguns excertos, que dele se conhecem.

A missiva deste religioso que, entre os especialistas que se dedicam ao estudo da sua obra, tem sido considerada como de teor mais interessante é, cronologicamente, a de datação mais antiga. Sendo conhecida, apenas, através da 2ª. via (datada de 18 de Janeiro de 1624) ela dá a conhecer toda uma enriquecedora série de sucedâneos biográficos do autor, em particular no que respeita à sua viagem para Japão e aos seus primeiros contactos com as populações nipónicas.

Enquanto a segunda carta data de 5 de outubro de 1626, a terceira é desse mesmo dia, só que do ano seguinte. Por estas epístolas o leitor toma

³ Quanto aos padres da Companhia de Jesus chegados à China em 1622, o bibliógrafo Louis Pfister, in *Notices biographiques...*, Xangai, 1932, identifica-os respectivamente sob os números 47, 50, 51, 48 e 49.

⁴ Louis Pfister, edição ant. cit. [1932] números 52 e 53.

conhecimento de uma série de vivências deste homem, eivado de coragem e de pouco mais 30 anos, das mais empolgantes.

A sua actuação de dos seus companheiros, entre aqueles gentios, decorre numa acção concertada da Ordem de Santo Agostinho naquelas paragens. Esta acção missionária estabelece-se, obviamente, numa total independência da evangelização jesuítica anterior⁵. Assim, na sua perseverança, na sua fé, ele leva a sua fé em Cristo (e partilha da sua divindade) até às últimas consequências.

Os seus sonhos de pregação, num ambiente de alguma tolerância e liberdade, em breve, porém, caem por terra. É preso desde muito cedo, em 25 de Novembro de 1629, na ilha de Firaxima.

Dois dias após essa data dá entrada na cadeia pública de Nagasáqui. Duas semanas depois, mais precisamente em 12 de Dezembro, é levado em condições penosas para a cadeia de Omura.

Em 25 de Julho e 25 de Outubro do ano seguinte escreve, respectivamente, as quarta e a quinta cartas que hoje são dele conhecidas. Em Novembro seguinte redige a décima primeira carta encontrando-se, no dia 26 desse mês, de regresso à prisão de Nagasáqui.

3 Da barbárie dos tormentos infligidos aos religiosos tendo em vista a renúncia à sua fé

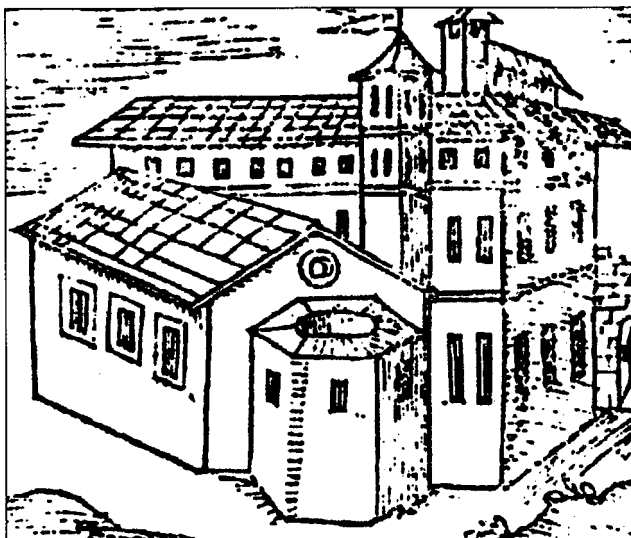
No dia 5 de Dezembro de 1631 frei Vicente de Santo António e alguns dos seus companheiros da Ordem de Santo Agostinho, são conduzidos às águas sulfurosas dos montes Unzem⁶, a não muitos quilómetros a leste de Nagasáqui - as quais são referenciadas pelo próprio frade agostinho na sua carta XIV como “o inferno de Arima” - e principiaram aí a ser impiedosamente torturados.

⁵ Sobre a interacção das várias ordens religiosas que, já no último quartel do séc. XVI, desenvolviam a missão no sul do Japão, remetemos pra as pertinentes considerações de Paulo Morigia, “Milanese, del’ ordine de Giesuati di San Girolamo”, na sua obra *Historia dell Origene di Tutte le Religione...*, Veneza, Oficina de Fabio & Agostino Zoppino fratelli, 1581, em particular o capítulo XII intitulado “Nell’Isola di Giapan dell’ India vi sono tre sorti di Religiosi; vi è um monte, nelquale habitano cinquemila religiosi, & dell modo di far la sua penitenza, & sono tutti gentili”. O referido capítulo desta obra – a qual, a dado passo, revela influências do *Livro de Duarte Barbosa* – insere-se in pp. 261 vº. - 265 vº.

⁶ Em Dezembro de 1994 tivemos ensejo de nos deslocarmos propositadamente a este local, em sentido de homenagem ao mártir de Albufeira. Também a este local se deslocou com um grupo de habitantes da mesma cidade algarvia, em Outubro de 1996, o Cónego José Rosa Simão actual responsável por esta paróquia portuguesa. Deste autor ficou como testemunho de tal vigem o opúsculo de 16 pp., intitulado *5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas*.

As suas palavras, a respeito das torturas infligidas a ele e outros missionários nestas águas sulfurosas, dispensa quaisquer comentários:

É tal esta fonte que, enbotando nela um cristão ou muitos juntos, como já por vezes têm feito, em um momento aparecem os ossos limpos e, quando a fervura os torna a envolver, logo desaparecem, porque os consome...⁷



O Colégio de Arima, na zona de Nagasáqui, fundado pela Companhia de Jesus num lugar não muito distante das águas sulfurosas dos montes Unzem, onde Frei Vicente de Santo António foi torturado. - Gravura constante da obra *Compendio delle Heroiche et Gloriose Attioni, et Santa Vita di Papa Greg. XIII*, por Marc' António Ciappi, Roma, 1596

Para aqueles homens e mulheres cristãos que conseguiam escapar aos efeitos destas águas sulfurosas de Arima – as quais se situavam não muito longe do colégio da Companhia de Jesus (desenhado por M. A. Ciappi) - ainda havia o risco de serem forçados, ante as mais variadas ameaças, a pisar imagens cristãs. Tratava-se da prática do *fumye*, ou da apostasia⁸. Numa

⁷ Ver localização dos montes Unzem, na presente edição, no mapa da p. 354.

⁸ Durante as nossas pesquisas em Novembro de 1994, no museu da ilha e cidade de Hondo, observamos diversas medalhas cristãs que os japoneses então utilizavam com vista a serem pisadas pelos missionários que, negando a sua fé, assim pretendessem renunciar ao martírio.

outra passagem dessa mesma carta XIV, Frei Vicente de Santo António salienta a tal respeito:

E pondo [ante os três Padres e um irmão] uma imagem do Salvador, a mandaram pisar com os pés ou, se não que os haviam de cozer naquela caldeira; o qual escolheram de boa vontade os servos de Deus para não pôr os pés na imagem.

Frei Vicente de Santo António, ante a variedade e dureza de todos estes tormentos, nunca vacilou. Alguns dos missionários, porém, não conseguiram resistir até ao fim a tamanhas provações. É este facto que explica que nesses anos 30 e 40 alguns deles tenham, pela apostasia, renunciado à sua fé.

Quadro I

Padres apóstatas no sul do Japão, 1632-1643⁹

Nº.	Missionário(s)	Nacionalidade	Períodos de apostasia	Morte
1	Cristóvão Ferreira	Português	Apóstata, 1633	Depois de 1652, em circunstâncias des conhecidas.
2	Giovanni Batista Porro	Italiano	Apóstata, 1638	Depois de 1643 na prisão, provavelmente depois de ter abjurado a sua apostasia.
3	Martinho Shikimi ou Martinho Ichizayemon	Japonês	Apóstata, 1638	Depois de 1643 na prisão provavelmente depois de ter abjurado a sua apostasia.
4	Alonso de Arroyo	Castelhano	Apóstata, 1643	Abjurou a sua apostasia praticamente de seguida, tendo morrido pouco depois, de sub-nutrição.

⁹ C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan, 1549-1650* [1951], edição ant. cit. [1993], p. 447, tomando por base *Kirishito-ki* (edição Voss e Cieslik).

5	Pedro Marques	Português	Apóstata, 1643	Em 1685, em circunstâncias duvidosas.
6	Giuseppe Chiara	Italiano	Apóstata, 1643	Em 1685, aparentemente tendo declarado que ainda era cristão.
7	Francisco Cassola	Italiano	Apóstata, 1643	Antes de Novembro de 1644, em circunstâncias duvidosas.

4 – Um contemplativismo missionário de matriz platónica no Japão do séc. XVII

Em 5 de Janeiro de 1632, Frei Vicente de Santo António e os seus companheiros voltam a ser conduzidos ao cárcere de Nagasáqui. Numa morte adiada de dia para dia, vão-se preparando psicologicamente para o martírio. Só já lhes resta aguardar a chegada da hora da expiação.

Entre a vida e a morte, num cativo mais próprio para animais do que para homens, em 22 de Julho desse ano, o filho de Albufeira – na sua 14¹⁰. (e última) carta¹¹ - deixa este testemunho em que assume a plenitude evangélica da sua acção:

Seja louvado e bendito um tão bom Deus como o que adoramos! Quem há que por Ele não morra e padeça? Oxalá venha o fogo que queimou aos demais meus antecessores e me abrase e queime as minhas culpas, para que, purificada a alma, vá gozar da glória, onde todos nos vejamos!

São estas, efectivamente, as últimas *confissões* – para utilizarmos o feliz vocábulo do título da imorredoura obra literária do santo seu patrono, Agostinho de Hipona – inseridas num contemplativismo de matriz platónica¹¹ com que se despede, desde o cárcere de Nagasáqui e em termos de escrita dos seus contemporâneos.

¹⁰Desta carta existe uma outra versão com nítida diferenciação nalguns dos seus pontos fundamentais. *Vide*, adiante, p. 153.

¹¹ Este contemplativismo pode assumir-se também de algum modo, com efeito, na manifestação da sua matriz platónica (mesmo que cronologicamente tardia). Trata-se, pois, de um “platonismo [que] teria necessariamente de ser integrado...”, segundo Pinharanda Gomes, “na fenomenalidade cultural islâmica”. Tal facto permite, assim, a este filósofo português nosso contemporâneo, considerar o *contemplativismo* português quinhentista e seiscentista como tendo um “origem sulista”, encontrando-se exemplos disso “não só no misticis-

4.1. Dos últimos meses de vida do missionário português ao do seu martírio (1632) numa colina de Nagasáqui

A sua despedida da *vida breve*, essa, porém, só virá de recorrer cerca de um mês uma semana depois. Tal sucede quando 2 de Setembro seguinte assina – com os outros religiosos que vão ser com ele *imolados*, Frei Bartolomeu Guterres, Frei Francisco de Jesus, Jerónimo de la Cruz, António Ixida e Frei Gabriel – o documento de protestação de aceitação de martírio.

No dia seguinte, junto a Nagasáqui, Frei Vicente de Santo António e os seus companheiros são, corajosamente, imolados pelo fogo numa cerimónia bárbara, a que assistem alguns cristãos de Nagasáqui.

Se entre 1623 e este mês de Setembro de 1632 – data do martírio do religioso de Albufeira – um significativo número de missionários e outros cristãos tinha *tombado* em terras nipónicas, depois desta data e até cerca de 1650 o sangue dos mártires¹² continuou a *regar* as terras do Japão. As vinhas do Senhor continuavam a ser plantadas nestas terras então adversas à propagação do Cristianismo.

QUADRO II

Relação dos mártires no Japão, 1623-1650¹³ (depois da entrada nestas ilhas de Frei Vicente de Santo António)

Ano	Total de mártires	Incluindo europeus
1623	76	2
1624	198	4
1625	7	-
1626	22	4

mo arrábido do século XVI, mas também em individualidades como (...) o Beato Vicente de Santo António, de Albufeira”, - *Vide Pinharanda Gomes*, “Para uma Perspectiva Portuguesa de Platão”, prefácio, tradução e notas à obra de Platão, *O Banquete ou do Amor*, Coimbra, Atlântida, 1968, p. 2.

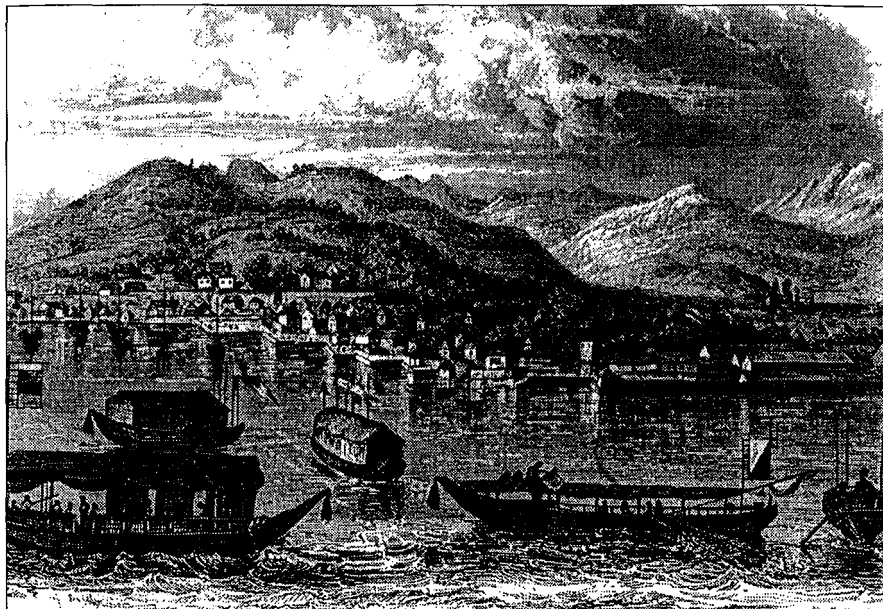
¹² Charles Boxer, como se regista no quadro que a seguir apresentamos, salienta que num período de 36 anos, entre 1614 e 1650, houve no Japão 2128 mártires pela fé cristã, 71 dos quais europeus.

¹³ C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan, 1549-1650*, [1951], nova edição. 448. Este quadro toma por base as indicações constantes de *Elogios*, de Cardim (1650); ou Delplace, *Catholicisme*, vol II, pp. 181-185; 263-275, autor que apresenta, para o período da história cristã do Japão entre 1597 e 1660, um total de 3125 mártires.

1627	120	4
1628	62	2
1629	79	-
1630	316	-
1631	46	-
<u>1632</u>	<u>120</u>	5 (incluindo o mártir Frei Vicente de Sto. António em 03/09/1632)
1633	88	11
1634	100	5
1635	?	-
1636	18	1
1637	129	4
1638	90	-
1639	5	3
1640	63	(incluindo 61 de Macau)
1641-1642	?	-
1643	54	6 (?)
1644	?	-
1645	9	-
1646-1648	?	-
1649	23 (nº. duvidoso)	-
1650	74 (nº. duvidoso)	-

5 Análise lexicográfica das cartas de Frei Vicente de Santo António (na perspectiva de um utilizador da língua japonesa)

Uma observação criteriosa do teor das 14 cartas hoje conhecidas como tendo sido escritas por este frade agostinho durante a sua permanência na região de Nagasáqui – cidade esta que veio a ser objecto de uma curiosa litografia pelo francês Louis Léopolde Boilly (que viveu no século seguinte) - permite concluir que ele dominou a língua japonesa. Expressava-se nela, por escrito e oralmente, segundo indiciam os dados em presença, com grande facilidade.



Litografia da cidade e porto de Nagasáqui, em que Frei Vicente de Santo António foi martirizado, por Louis Léopolde Boilly [exemplar da LHITIPOR]

Em colaboração com as investigadoras nipónicas, Dras. Yosoy Toda e Mari Kasuya – a quem solicitámos apoio científico neste domínio particular deixamos documentados na nossa referida edição aqui, alguns dos vocábulos em língua japonesa utilizados por Frei Vicente de Santo António nas referidas cartas agora de novo publicadas.

Uma apreciação dos vocábulos utilizados por Frei Vicente de Santo António, nas suas cartas, não dispensa hoje – antes pelo contrário, exige – um estudo dos mesmos no *Vocabulário da Língua de Iapam com a Declaração em Português, feito por Alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu*¹⁴. Esta obra foi impressa pelos jesuítas em Nagasáqui em 1603, precisamente duas dezenas de anos antes de o missionário agostinho chegar aquelas ilhas e teve um suplemento em 1604 (incluindo da folha 331 à 402).

¹⁴ Manuel Cadafaz de Matos, *A Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente nos séc. XVII e XVIII (Índia, China e Japão)*, edição ant. cit., [1990], vol. II, pp. 243-246.

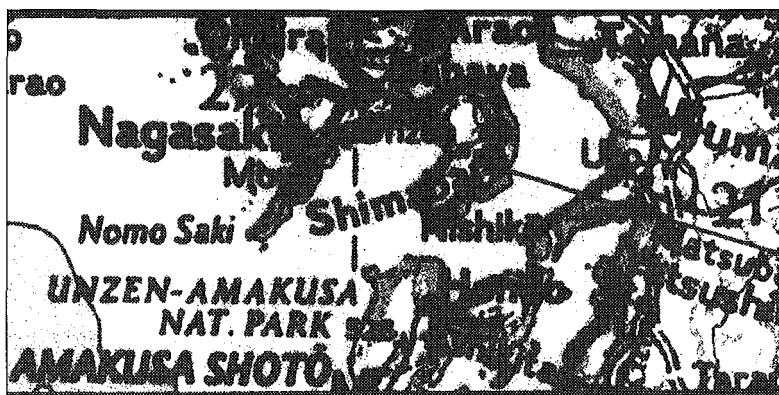
Ao longo de cerca de 800 páginas os jesuítas inseriram neste seu trabalho, com efeito, alguns dos principais vocábulos que já então dominavam como utilizadores da língua japonesa. Importa precisar no entanto, que para alguns dos vocábulos a grafia utilizada por Frei Vicente de Santo António não corresponde aquela que consta do presente *Vocabulário*.



Frontispício da obra *Vocabulário da língua de Iapam com a declaração em português, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu* (Nagasaki, 1603)

6 Da instauração do processo dos mártires de 1633 na cidade do Santo Nome de Deus de Macau

Causou profunda consternação o martírio deste missionário agostinho de Japão, entre as mais variadas comunidades evangelizadores que se encontravam nesse período, quer em outras partes do Japão, quer nas Filipinas ou mesmo em Macau e no sul da China.



A região dos montes Unzem, não muito distante de Nagasáqui, onde decorreu em 3 de Setembro de 1632 o martírio de Frei Vicente de Santo António in *National Geographic, Atlas of the World*, nova edição, 1981, p. 195 (pormenor)

Em 1638, pouco mais de cinco anos decorridos sobre a trágica perda desse e de outros missionários, foi organizado em Macau um processo respeitante às mortes daqueles evangelizadores. Foi o caso do códice que recebeu o título, *Treslado autentico do Original processo, que se formou por autoridade Ordinário na Cidade de Macau na China do Veneravel Padre frei Bartholomeu Gutterez, e outros vários Martyres, q[ue] padecerão nos Reynos de Jappão nos annos de 1630: 32 e 33 – da Ordem do nosso padre Santo Augustinho Observantes, e Descalços etc^a.*

Hu Livro meo Livro do Original processo,
 que se fez no anno de 1632, por autoridade Ordinaria,
 na Cid. de Nagasáqui, no Reino de Portugal.
 Pelo Frei Bartolomeu Guterres, com o
 Sr. Fr. Martyra, e padroes nos Reg. de
 Sag. nos annos de 1631: 32: e 33:
 do Pa. Ord. de Santo Padre Santo Agostinho
 Observante, e Duveling

Capa do referido
processo [Macau,
1638]

De salientar que este Frei Bartolomeu Guterres foi um dos cinco outros religiosos que, nesse mesmo dia 3 de Setembro de 1632, sofreu o martírio na cidade de Nagasáqui.

Pelo teor dos documentos constantes deste códice¹⁵ é possível concluir do esforço da Igreja, em Macau, no sentido de – num espaço de tempo relativamente tão próximo do daqueles acontecimentos trágicos em Nagasáqui – o mundo ocidental acompanhar a glória daquele e de outros mártires na época.

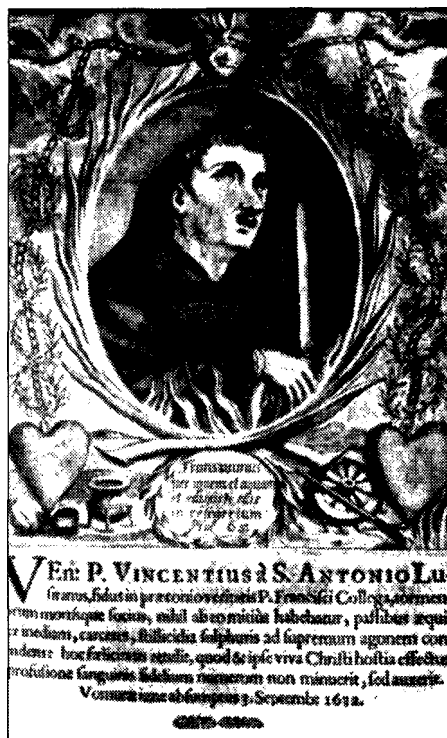
Este frade agostinho, aliás, granjeava de tal modo simpatia – não só na sua congregação como até em outras que laboravam no Extremo Oriente – que a sua trágica morte, tal como a do Pe. Marcelo Francesco Mastrilli¹⁹, cinco anos depois, em 17 de Outubro de 1637²⁰, beneficiou de um amplo

¹⁵ Beato Vicente de Santo António, *Como o Viram seus Contemporâneos, Processos da sua Beatificação*, [1997], p. [XV].

¹⁶ Veja-se *Relaçom de Hum Prodigioso Milagre Que o Glorioso S. Francisco Xauier Apóstolo do Oriente obrou na Cidade de Nápoles no anno de 1634*, (Rachol, na Índia portuguesa, colégio da Companhia de Jesus, 1636) fac-símile do exemplar que pertencera anterior e respectivamente a Charles Boxer e ao Comandante Vilhena, Lisboa Biblioteca Nacional, 1989, com prefácio de Manuel Cadafaz de Matos, pp. VII-L, + XVI pp. de extratextos.

¹⁷ Remete-se para a *Breve relation del martirio del Padre Francisco Marcelo Mastrilli de la Compañia de Jesus, martirizado en Nangasaqui, ciudad del Xapon en 17 de Octubre de 1637, embiada por el Padre Nicolas de Acosta, Procurador del Xapon, al Padre Francisco*

reconhecimento do extraordinário alcance internacional da sua acção evangelizadora.



Retrato de Frei Vicente de Santo António, editado em Praga em 1674

Quatro décadas depois do martírio já a Europa conhecia profusamente –sobretudo através de testemunhos bibliográficos dos mais variados frades agostinhos– diversas versões textuais sobre a acção evangelizadora e sobre o martírio do religioso de Albufeira. Na Checoslováquia, chegou inclusive ser impresso, em 1674, num dos fólios da obra *Virorum Illustrium, Arctioris Discalceatorum Instituti in Eremitano divi Augustini Ordine Athleta-*

Manso Procurador general de las prouincias de Portugal de la dicha Compañia, Madrid, 1639, in 4^o; e, ainda, para o códice existente na Biblioteca Nacional, Lisboa, *Década 4^a do Estado da Índia des do anno de 631 até 640*, coligida pelo Chantre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria (BNL, 7640), onde, no fólho 158 v^o., se dá notícia do martírio do Padre Mastrilli, em Nagasáqui, em condições não menos dramáticas que aquelas em que tinha decorrido pouco antes o desaparecimento do frade agostinho português.

rum Exegis Sumaria, o porventura mais antigo retrato hoje conhecido do Beato Vicente de Santo António.

Em 7 de Julho de 1867 – tendo já decorrido 235 anos desde o martírio deste frade agostinho português (e dos seus companheiros) - a Igreja *legislou* no sentido da sua beatificação. Passou ainda cerca de um século até que, em 29 de Julho de 1965, o município de Albufeira, sua localidade natal o proclamou como seu Beato padroeiro.



Beato Vicente de Santo António, padroeiro da cidade de Albufeira

O frade agostinho natural de Albufeira, através das cartas que legou para a prosperidade, escritas no Japão antes do martírio, afigura-se hoje como um homem de cultura e dotado de uma profunda espiritualidade. Com uma extraordinária capacidade de entender o *outro*, ele constitui sem dúvidas o paradigma do religioso¹⁸ que, em terras adversas ao Cristianismo,

¹⁸ Hoje é dado um significativo reconhecimento, mesmo num plano internacional, à acção missionária desenvolvida por este frade agostinho beatificado. Daí que seja injustificada, de certo modo, a ausência de qualquer menção à sua obra e martírio no estudo "Agos-

levou o seu exemplo de pregação e de vida até às últimas consequências, o da imolação da sua própria vida. E é esta consumação do martírio – como aposta voluntária – que (pensando-se em Platão) pode hoje ser perspectivado ao nível do enigma e do mistério¹⁹.

Constituindo todo o seu acto de *militância* cristã aquilo que Erasmo de Roterdão classificou com uma *preparação para a morte*, o seu exemplo de vida só faz hoje sentido na plena dimensão do martírio – como vivificação eterna no espírito de Deus – que abraçou com entusiasmo.

Homens como Vicente Simões de Carvalho, que optou pelo nome de Frei Vicente de Santo António da Ordem de Santo Agostinho, são a *outra* consciência de uma nação lusitana seiscentista que, espreada pelo mundo, não conheceu fronteiras geográficas nem idades.

Nagasáqui, Dezembro de 1994

Albufeira (casa do Páteo), Setembro de 2000

tinhos” (em particular na secção 7 “A actividade missionária”), in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, I – A-C, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 27-32).

¹⁹ Pinharanda Gomes, in *op. cit.* [1969], p. XVIII, considera que enquanto que o *enigma* é um tempo de pensar, o *mistério*, por seu lado, é um tempo de amar. E adianta, a propósito: “Platão, no diálogo O Banquete, mostra-o claramente. A beleza é um mistério que só o Amor permite atingir. Logo, a epígrafe *síncope grega* se torna evidente, bastando ter na ideia que a Grécia anterior ao Evangelho representa o mandamento de *pensar a Deus* e que a Europa post-evangélica representa o mandamento de *amar a Deus*”.